

O CANTO DO ACADEMICO

Semanario academico-litterario

ASSIGNATURA

Braga : mez 100 rs.: trimestre, 300 rs.
Provincias : trim., 330 rs.

Pagamento adiantado

Publica-se ás segundas-feiras

Braga, 24 de Abril de 1893

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de Santa Margarida
N.º 66

Philosophia positiva

(Ao Exc.º Sr. M. A. da Silva Ramos)

O espirito humano em sua marcha evolutiva de aperfeiçoamento tem ido successivamente descongloando a synthese theologica primitiva pela analyse que caracteriza seu progresso na edade metaphisica e principalmente na positiva.

Indistinctos, na edade primeira do espirito humano, os ramos do saber, — synthetisados na *Philosophia*, sciencia de tudo, sem nexo scientifico conhecido, — o cosmos á ordem ou capricho da divindade, a passividade espiritual, os phenomenos naturaes divinizados pelo terror que infundiam religiões pantheistas fecundadas pela ignorancia, — eis o que a primeira edade legou á edade metaphisica.

Descriminar no labyrintho d'aquella edade os laços pelos quaes tudo se liga na natureza, foi tarefa que não puderam levar a bom termo os mais sabedores n'aquelles tempos: a Moral era com a Religião imposição divina sem fundamento racional conhecido, a Meteorologia capricho das divindades, a Astronomia uma parte da Theologia, e todos os mais ramos do saber achavam-se dominados pelo terror religioso.

Na edade metaphisica continua a consciencia humana a ser illudida pelas explicações tradicionais do supernaturalismo; as sciencias, como o Direito, foram organisadas sem a disciplina do espirito de conjuncto, tornando-se estereis, e, construidas sob o criterio d'uma exagerada generalidade, gastaram-se, como por exemplo a Economia e a Moral,

na discussão metaphisica da ereação do valor, ou no problema da saneção da consciencia. Estudadas sem subordinação philosophica, não escaparam a esta errada direcção a Arte, a Linguagem, a Religião, se bem que pela generalidade que se lhes dava, se iam creando as bases da investigação comparativa e da filiação historica para a organização de uma sciencia geral constituida por todos esses resultados positivos. Tambem a Historia não tinha o seu logar philosophico: determinar a serie dos dynastas (em vez de procurar a evolução dos phenomenos sociais e o encadeamento seriaro dos factos para assim estabelecer a transição de uma epocha para outra epocha) era o seu objecto; a Politica era um segredo do estado, e porisso, crime o inquirir do procedimento das auctoridades, apreciando seus actos, como acontecia com aquelles que sem serem padres ousavam entregar-se á exploração dos mythos e da hierologia.

(Continúa).

Coimbra, 16 de abril de 1893.

Manoel da Silva Mendes.

Morta!

(Sonho)

Dormia no seu leito virginal
Essa fada d'olympicos amores,
Nascida d'um sorriso divinal
Ou d'um beijo de languidos fervores...

O seu rosto d'arminho, aveludado,
E os seios seus, um sonho d'esculptor,
E o seu cabello d'oiro desfiado
Davam-lhe d'uma estrella aureo fulgor...

E assim tão bella e morta semi-nua,
Eu via-a n'uma noite de luar,
Banhada pela luz meiga da lua...

Beije o seu corpinho desnudado,
E fiquei sem sentidos a chorar,
A' heira do esquite perfumado!

M. Oliveira.

SERENATA

Anda ouvir meiga donzella
cantar o teu trovador,
acorda, vem á janella,
vem fallar ao teu amor.

Anda vêr linda morena
o doce pallór da lua,
ouve a serenata amena,
que vae a tocar na rua.

E' fria a brisa da noite,
não estejas com demora,
eu não tenho onde m'acoite,
só nos teus braços, Aurora.

Deixa que se esconda a lua,
que depois não vê ninguém;
então á porta da rua
estaremos muito bem,

O' adoravel creança
meu amor, perde o receio:
a noite é cheia d'esp'rança,
agasalha-me em teu seio.

Eu quero estar assim
nos teus bracinhos de fada
e beijar-te, cherubim,
até vir a madrugada.

Quero apagar meus desejos
assim, ó meu doce anhele,
deixando um bouquet de beijos
nas ondas do teu cabelo.

Encosta a mim, minha amada
a tua loira cabecinha:
não receies, ninguém diz nada
á tua santa mamasinha.

Já lá vem a alvorada;
como o tempo passou lèdo!
Mais um beijo á retirada
que a noite é de segredo.

Vae adeutada a hora,
une os teus labios aos meus:
não posso ter mais demora,
minha amada, adeus... adeus.

P. Bastos.

PEQUENOS CONTOS

II

A linda Maria

Uma vez estava eu sentado ao lume d'um lar de Traz-os-Montes. Lar, que fica n'uma das aldeias mais rusticas e mais humildes d'esta provincia.

No mesmo escano em que eu me sentava (que era o *Escano Grande* encostado á bocca do forno), estavam o snr. João do Bairro de Cima, o tio Antonio do Castanheiro Grande e a tia Joaquina da Cancellia.

N'outro escano, fronteiro a nós e um pouco mais baixo, estavam os velhos donos da casa com seus dois filhos; e ao fundo, n'uma taboa assente em duas pedras toscas, sentavam-se Angelina e Antonia, creadas da casa. Além d'estes saboreavam ainda o doce calor da fogueira dois pequenos cães de caça, deitados aos pés dos filhos da casa, e uma grande gata branca, aninhada junto de Angelina.

Eu tinha apenas dez annos e era conhecido lá n'aldeia pelo *Candidinho da Villa* de quem todos gostavam muito e a quem todos davam coisinhas de que elle gostava tambem muito. Nos dias em que estava alli, que eram muitos durante o anno, sempre, á noite, o pae d'aquella casa, o snr. José, aquelle velho de cabellos brancos, tão brancos como o linho em que trabalhava a snr.^a Rita, sua mulher ha trinta e seis annos, me contava uma *historia* que eu ouvia tão attento como a grande gata branca, aninhada aos pés de Angelina.

Muitas *historias* das que elle me contou me esqueceram; mas a *historia da linda Maria* nunca me esqueceu.

* * *

Houve n'aquella aldeia uma menina tão linda, tão linda que lhe chamavam a linda Maria!

Filha de paes pobres, muito pobres, viveu e creou-se com aquillo que os seus bons visinhos lhe davam.

Mas era tão engraçada, tão intelligente e tão trabalhadora que todos queriam em casa a linda Maria. Aos seis annos já ia com os bois para o lameiro e trazia molinhos d'erva em flôr para os coelhos; aos doze já mondava e espadelava e corava os linhos...; e aos dezesseis era a rainha e a flôr d'aldeia!...

A ceifa onde ella andasse, todos queriam andar, porque a linda Maria cantava como os Anjos e ria como as manhãs d'Abril...

Era formosa como as Virgens e alegre como os passarinhos n'uma manhã de Primavera!...

* * *

Um dia apparece n'aldeia um homem que d'ella se havia ausentado ha vinte annos. No logar onde levára callos trazia brilhantes; e quando foi habitaba uma pobrissima casa de telha-vã junto d'uns moinhos—chamava-se o Joaquim dos Moinhos; mas quando veio mandou construir um grande palacete e passou a chamar-se — o *brazileiro* da Casa Grande.

No dia da recepção n'aldeia ficou logo o *brazileiro* captivado da formosura e brilho dos olhos de Maria. E, como ella era tão ingenua como formosa, dentro em poucos mezes e com poucos esforços, conseguiu apossar-se da bella Maria, da linda Maria!... de quem elle nunca se esquecerá desde que a vira. E de tal sorte se apossou d'ella, que o brilho dos seus olhos, o carmin dos seus labios, a sua propria honra ella lhe entregou!...

Poucos dias se passam.

E toda a aldeia, quer na fonte quer no campo, quer ao lar, não falla senão da *queda* da linda Maria, que já não mondava, nem espadelava, nem corava linhos...

Um dia que ella se apresentou á missa muito mais assejada do que o costume, vê que aquelles que mais a queriam e se divertiam com ella, agora lhe deitam um olhar desdenhoso e de compaixão... Ninguém n'aquelle dia se riu para ella; ninguém lhe chamou já a linda Maria.....

Foi então que ella conheceu o passo que havia dado e o abysmo em que havia cahido!

Levanta-se e sae pela porta fóra d'aquelle homem que, trazendo brilhantes onde levou callos, trazia callos onde levou brilhantes e dirige-se para um lugar que amava e temia muito.

Era uma grande fraga, sobranceira a um poço profundissimo, era — a Fraga do Poço d'onde ella outrora cantava com as aves e guardava os seus bois.

Um aldeão que passava lá mais em cima e se dirigia para a aldeia viu-a allí meditando e triste; tão quieta como a fraga em que se sentava!...

E nunca mais ninguém a viu! Se os anjos a levaram para o céu ou ella se precipitou no poço, não se sabe...

O aldeão, depois d'ella faltar, só sabia dizer que a vira sentada a olhar para o céu na Fraga do Poço, que d'ahi por deante se ficou

chamando a Fraga da linda Maria.

E o velho ao contar isto, que a nós nos não impressionará talvez, chorava como uma creança!

Braga, Abril, 93.

Augusto Candido.

PERFILISANDO

Antonio de Vilhena.

— Aristocrata, no trato, fino, no porte, amavel e popular, intelligente e elegante, Antonio de Vilhena é uma bella Alma. Vive muito para as salas; mas tambem vive para o seu estudo e para o seu Ideal.

Como litterato pertence aos Novos; como *sportman* pertence á *élite* Brachara e! como academico pertence ao grupo dos que mais se distinguem pela sua delicadeza e pela sua seriedade.

Silveira Malheiro.

— E' um dos rapazes que mais se salientam pela sua alegria e satisfação entre todos os seus collegas.

Apraz-nos immenso vê-lo, ora brincando, quasi tão despreocupado como uma creança, ora pensando, quasi tão meditativo como um philosopho!

Quando o vemos rir e brincar bem sabemos que são as expansões d'aquella sua alma crente e pura; mas quando o vemos pensar e meditar não sabemos o que será...

Resente-se da mais esmerada educação e, sendo hoje a alegria de sua familia, esperamos seja mais tarde o seu orgulho.

Carlos Braga.

— Lembrando-nos d'este nosso bom collega e amigo, occorrem-nos immediatamente como principaes qualidades do seu bello character a sua modestia e a sua applicação.

E' mais frequente encontrá-lo com os seus pequenos discipulos d'inglez, vendo se o verbo *to come*, é *forte*, *fraco* ou *mixto*, do que vel-o entre outros academicos a fallar a e *discutir* para passar o tempo.

Filho d'uma nobre familia, nem por isso deixa de conviver com todos do modo mais modesto e delicado.

E' um bellissimo amigo.

Eurico de Cartéa

NÃO ME DEIXES

Debruçada nas aguas d'um regato.

A flor dizia em vão

A corrente, onde bella se mirava...

Ai! não me deixes, não!

Commigo fica ou levá-me contigo

Dos mares a amplidão,

Limpido ou turvo, te amarei constante;

Mas não me deixes, não!

E a corrente passava : novas aguas
Apoz as outras vão ;
E a flor sempre a dizer curva na fonte :
Ai ! não me deixes, não !

E das aguas que fogem incessantes
A' eterna successão
Dizia sempre a flor, e sempre embalde :
Ai ! não me deixes, não !

Por fim, desfallecida a côr murchada
Quasi a lambar o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que a não deixasse, não.

A corrente impetuosa a flor enleia
Leva-a no seu torrão ;
A afundar-se dizia a pobrezinha
Não me deixes, não !

Gonçalves Dias.

A partida

(A Hugo de Freitas)

E' tarde d'Abril...

Uma leve aragem açouta o vela-
me da embarcação em que vae
partir Antonio.

A' praia chegam dois vultos que
se aproximam do caes chorando.

Contemplam-se melancolicamen-
te por alguns minutos e em breve a
voz cadenciada d'um sexagenario
quebra esta profunda monotonia.

«Não chores Antonio, diz elle,
que o mar encerra segredos que
tambem dão felicidades.

—A mim os annos arremecaram-
me á praia e hoje não posso guiar-
te atravez das vagas azuladas d'es-
se oceano.

Mas tu, parte e não temas os va-
galhões que se arrojam ás fragas
alcantiladas nem o seu rugido ;
porque esse navio, obra do homem,
leva diante de si fama gloriosa que,
sulcando as ondas encapelladas,
lhes exige passagem. E á sua voz
as aguas quebram-se e vêm langui-
damente embalal-o no camarote em
que repousa».

Apitam as machinas.

A voz do ancião quebrada por
um melancolico soluçar só pode di-
zer :

«E á volta terás um velho pae
que te abraça, um peito a que ve-
nhas cantar tuas proezas.»

Depois abraçam-se e, dentro em
pouco, Antonio sobe pelo costado
do navio.

O lenço do ancião tremulava nos
ares, enquanto do navio Antonio
lhe corresponde com outro orva-
lhado de lagrimas.

A embarcação parte.

Ao longe, a perder se no hori-
zonte ainda na gavela se divisa An-
tonio.

E enquanto elle chora pelo ve-
lho pae, deitados no tombadilho
os marinheiros lançam á brisa que
passa mil canções felizes!...

Braga, 20—4—93.

Balthazar de Mendonça.

Um esclarecimento

Vendo no numero 1:250 do con-
ceituado jornal, «O Nacional», a ana-
lyse critica d'um pequeno artigo por
mim assignado e inserido no numero
unico que ha pouco se publicou em
homenagem a D. Fr. Caetano Brandão,
cumpre-me agradecer ao signatario
da dita analyse critica o conceito que
fôrma de mim e julgo indispensavel
esclarecel-o em alguns pontos que elle
achou menos intelligiveis.

Como o artigo é pequeno, transcre-
vo-o para aqui por completo; e mesmo
é necessario assim para illucidar bem
o meu presadissimo collega, se é que
o é. E digo se é que o é, porque sen-
do-o, era provavel que tivesse a sa-
tisfação de me conhecer.

Sciencia e Virtude

«A apothese mais sublime de quem
as possui está na admiração que as ge-
rações lhe consagram e no estimulo de
que a sua memoria serve á humanidade
atravez dos seculos.

Por isso commemorar o dia que faz
lembrar D. Fr. Caetano Brandão, que é
ao mesmo tempo um dos mais illustres e
gloriosos prelados d'este archiepiscopado
e um dos vultos mais proeminentes do
progresso d'este paiz é *formal-o* mais
admirado e venerado, despertando tam-
bem o desejo de imitar quem na sciencia,
foi um sabio, na propaganda do bem, um
apostolo e na pratica da virtude, «um
santo.»

Pergunta o illustre critico a quem
se refere aquelle pronome—*lhe*—jun-
to ao verbo consagram. Peço-lhe des-
culpa, porque dizendo-se meu collega,
parece-me bem que o posso conside-
rar como mestre, mas não vejo que
haja dificuldade em o referir aquel-
le—*quem*—, isto é *á pessoa que pos-
sue sciencia e virtude*. Diz depois não
saber a quem se refere o pronome—
sua—ligado a memoria, se á apotheo-
se, se a D. Fr. Caetano Brandão.

Nem á apothese nem a D. Fr.
Caetano Brandão, refere-se ao mesmo
quem no meu modo de entender.

O que segue depois, ficará esclare-
cido, dizendo que não escrevemos—
formal-o—; mas sim—*tornal-o*— Foi
um erro typographico. E é D. Fr.
Caetano Brandão quem se torna mais
admirado e venarado com esta com-
memoração.

Não quero tambem fugir ao ponto
em que o severo critico me aconse-
lha a escrever:—faz lembrar D. Fr.
Caetano Brandão, que, sendo um dos
mais illustres e gloriosos prelados
d'esta archidiocese, é ao mesmo tem-
po, um dos vultos mais proeminentes
do progresso d'este paiz. E não
como escrevi. Aqui, ainda que não
acho grande differença n'uma e outra
dicação, dou a mão a uma palminha.

Braga, abril, 93.

Manoel Augusto Grinjo.

RECORDAÇÃO DA MOCIDADE

I

A vida, leve aragem que passa
ligeira no deserto d'este mundo,
é um sonho, uma chimera.

Quando nos parece que estamos
na pujança da vida, quando o vi-
gor das forças a torna como que
infinda, não tarda a estação lugu-
bre, carrancuda e tristonha de ser
ceifada pela foice da morte!...

A infancia passa lenta, porque
se não mede o que passou, mas
o que ha de vir.

Ah! e quantas recordações d'es-
sa bella idade!

Quantas saudades que esquar-
tejam o coração, dilaceram a alma!
Quantas vezes, lembrando-me do
que passei, d'esse mellifico tempo,
que jamais volta, choro!

Choro, sim. E não devo chorar
pela innocencia que fugiu, pela can-
dura da alma que desbotou, pela
sorridente meiguice que continua-
mente pairava nos meus labios,
entreabindo-se n'um sorriso ange-
lico, divinal?! Não devo chorar pe-
la placidez do coração que é pe-
culiar a essa idade?! Não devo
chorar pelos tepidos e acalentado-
res beijos de minha mãe e irmãs-
nhas, com que sofregamente co-
briam as minhas roseas e avellu-
dadas faces?! Não devo chorar por
essa despreocupação completa de
cuidados que nos torna ledos, fe-
lizes?!

Oh! sim, devo chorar e todos
necessariamente o devem fazer,
se têm coração semelhante ao meu.

A mim suffoca-me a recorda-
ção d'essa idade, entristece-me a
recordação d'essa idade, entriste-
ce-me a brevidade com que pas-
sou.

Que bello tempo! Como pas-
saste despercebida, ó quadra pri-
maveral da vida, ó matinal cre-
pusculo, suavissimo e meigo da
manhã da existencia, ó arrebol
corruscante, indicativo do surgir
do aureo sol da mocidade!...

Quem pudera voar para ti! Quem
pudera deixar de respirar es-
tes impuros ares para sorver avi-
damente, a largos tragos, o oxige-
nio depurado e limpido do alvo-
recer da vida!

Mas não. Passou... e o que
lá vae, nunca mais o havemos ás
mãos. Outros agora o estão gosan-
do e, apoz estes, outros e outros.

Tudo era lindo, encantador e
attrahente! Uma continua prima-
vera de rosas a desabrochar, sa-
turando o ambiente da nossa vida
de exhalações aromaticas que suf-
focam, de perfumes que embria-
gam, de encantamentos que trans-
portam, de doçuras que enlevam,
formando-se da reunião d'esse, so-
noras vibrações, soltas da lyra da

infancia e dedilhadas pela innocencia; uma harmoniosissima melodia que arrebatava, um trinar gracioso que nos embala, uma musica d'anjos que extasia!

Simplemente bello!

N'aquella idade os montes chegam ao ceu; a morte não nos perturba; os prados, são esmeraldas, os rios fios de prata, as estrellas saphiras, a lua, a rainha da noite e da solidão, tudo sorri risonho á nossa alma pura, como a limpidez do azul do ceu n'uma manhã d'abril; tudo harmonioso como o trinar saudoso do rouxinol, doce tudo como o nectar, como o mel.

E nós esquecidos e adormecidos placidamente n'estes doces enlevos, como em leitos d'arminho, vamos insensivelmente crescendo até que, ao clangor phrenetico das tubas mundanas, acordamos sobresaltados e, olhando-nos tetricamente, achamo-nos na puericia vacillantes, duvidosos.

Que transformação tão rapida! Que mudança sem se sentir!

Depois olhamos para o curto passado e já d'elle temos saudade. A familia já nos não despenha tantos mimos e afagos e logo vamos sentindo os primeiros amargores da vida.

Braga, 20-4-93.

A. J. Serimontas.

Tristia

Eu ainda era muito creança, quando ia sentar-me junto do tronco d'um cypreste perto do cemiterio, e o meu espirito seguindo o vôo das pombas que se cruzavam no limite das montanhas azuladas, perdia-se com ellas na immensidade do espaço.

Agora, com o coração retalhado de dôr e inundado de melancholia, ainda gosto de me ver proximo d'essa arvore favorita; mas a minha vista fixa-se sobre a terra e o meu espirito já não vôa com as pombas.

Quando o dia se esconde além no horisonte longiquo; quando as sombras descem lentamente á semelhança das palpebras que pela languidez do somno se vão cerrando, é, então, que eu me dirijo para aquelle logar tão triste e deserto quam ermo e silencioso.

O silencio, é o refugio dos tristes.

Ahi, me apoio ao tronco d'esse gigante funereo, direito como a columna d'um templo e do qual atravez da sua ramaria, parece-me ouvir a voz d'aquelles que amei outrora.

D'ahi, diviso além ao fundo o cemiterio onde jaz meu pai; vejo a terra que cobre as suas cinzas e que em breve tempo me offerecerá a ultima morada—a morada do repouso.

E sinto prazer em me achar n'aquelle logar... sinto prazer... talvez por me fazer pensar na morte.

A morte!... ah! saudo-a e acaricio-a; chamo-a porque n'ella está a ultima esperanza d'um coração desenganado.

E, vós poeticos e saudosos lugares, onde me acolho todas as noites, vós, que conheceis bem os meus pensamentos, podeis dizer se já alguma vez tive medo de perder a existencia...

*
* *

E' assim retirado, sem mais luz, que a da lua, sem mais brilho que o das estrellas, e sem mais sons que o monotono piar do mocho ou o querulo crocitar do corvo que a minha alma se debate nos calafrios do sublime, com estes dois pensamentos:—a saudade de meu pai e a lembrança da minha dulcinêa.

Deleito-me n'elles; n'um, com um amor de filho, n'outro, com um amor ideal.

E, oh! como é agro-doce este pensar!...

F. D.

Decifrações das charadas novissimas do numero anterior

Sapo—Sopapos—Pontapé—Damão—Garrafa—Pala—Capote—Recheio.

Foram decifradores d'estas charadas os snrs:

Antonio Manoel Villares, José Araujo Motta Junior, Manoel Lopes d'Abreu Guimarães e Augusto Freitas de Carvalho.

LOGOGRIPHO

E' desdenhosa, é irada
Esta ave pintalgada;—12—2—3—3
14

Foi formosa e foi pura
Foi modêlo de ternura.—3—4—9—
11—2

Na carreira, este é veloz,
E pode-o comer qualquer de nós;—12
—4—3—7

E agora, esta etc. e tal,
Juro que está em Portugal.—10—6
—3—2—1

Da esperanza terá a côr,
Esta, se bem achada fór:—9—13
E' pequeno e agasalhado,
Este fructo enterrado.—2—3—6—4.

Dir-te-hei, caro leitor,
O conceito, pois sou teu amigo,
E' notavel escriptor...
Basta... nada mais digo.

C. C.

O primeiro assignante que nos enviar a decifração d'este logogripho receberá como premio o livro «Narrativas d'um emigrado».

Perguntas innocentes

Qual é a terra em que hamaiz agua?

Qual é a terra em que ha egrejas mais modernas?

ENYGMA

Formar com as letras seguintes os nomes de dois rios:

B
I J
A D A
N O N
A D A
U U
G

Cumulos

Andar torto na rua Direita.

Espancaram-se os noivos na rua dos Bem-casados.

Charadas novissimas

Este animal no campo caça animaes—2—2.

E' fructa na musica e na America
2—1.

No rio esta ave está na poesia—2
—2.

Na musica, no moinho e no barco—1—1.

Pergunta enygmatica

O que é que ha em Braga, Lisboa e Barcellos e não ha em Portugal?

Charadas mathematicas

Esta nação—h+r, está no cavallo—2.

Solido—p+v é = a liquide—2.

BRAGA

Imprensa do Collegio de S. Luiz

O editor responsavel

Manoel Antonio de Paiva